

Bolama... no meu tempo

de 30 de Junho de 1964
a 04 de Agosto de 1965

... no Centro de Instrução Militar



(da esq^a para dir^a):

o piloto-aviador civil (sócio do Fiúza);

os alferes Valentim e Barata;

Filomena, a jovem esposa (do narrador),

e eu próprio, alferes Rui Santos.

No dia em que chegámos ao aeródromo de Bolama, fomos recebidos pelos alferes que já mencionei.

Em seguida, no quartel do CIM fomos recebidos pelo comandante, capitão de infantaria António Feliciano Mota da Câmara Soares Tavares e sua esposa Lourdes, em casa dos quais jantámos.

Hotel de Turismo



Bolama - Hotel de Turismo (inaugurado em Ago1959)

onde pernoitei em Bolama pela 1ª vez:
não era 5 estrelas nem 4 nem 3... ,
mas foi com minha mulher...



- | | | | |
|---|-------------------------------------|------------------------------------|---------------------------------------|
| 1. local do Hotel de Turismo | 7. e 8. Casernas | 15. edifício dos sargentos casados | 21. Campo de Volei |
| 2. Casa da Guarda e Prisão | 9. Refeitório | 16. Caserna | 22. Câmara Municipal |
| 3. campo exterior (para instrução básica) | 10. Marcenaria e Carpintaria | 17. Campo de Futebol | 23. Parada (entre as casernas) |
| 4. Agrupamento e Messe de Oficiais | 11. e 12. Casernas | 18. local do Pórtico | 24. local do memorial a Ulysses Grant |
| 5. Secretária, Centro-Cripto e Radiotelegrafistas | 13. Messe e Dormitório de Sargentos | 19. Cozinhas | 25. Cais da Cidade |
| 6. Sala do Soldado, Cantina, Material-de-Guerra e Caserna | 14. Enfermaria | 20. mato para Instrução | 26. rua principal de Bolama |





No dia seguinte à chegada a Bolama, o comandante do CIM destinou-nos uma moradia, no mesmo bloco que na altura era ocupado pela família Câmara, a primeira a seguir à do dr. Bragança (a qual mais tarde, à medida que o Agrupamento ia necessitando de espaço, foi por nós ocupada).

a entrada (x) para a primeira habitação (entre o jipe e o carro do alferes Jorge P. Liz, do CmdAgr17); à direita, a escadaria do posto de radiotelegrafia e centro-cripto

4^ª, 29Jul64 – Tomou parte na Escola de Recrutas da 3^ª Incorporação de 1964 [3^ªER/64-CIM], como instrutor

Com estas andanças, esqueci-me da guerra. Assim, entre as muitas actividades que se exerciam neste CIM, claro que a instrução, como o nome diz, era a principal: não me recordo a data, mas logo após ter assente arraias neste quartel, começou uma Escola de Recrutas que integrava perto de 450 mancebos de todas as raças e credos, feios, simpáticos, brutos, abrutalhados; a mim calhou um lote de 110 dessa invasão, que nada ficava a dever aos hunos, portanto... boa massa para fabricar soldados.

sáb, 01Ago64 – Passou a ter casa por conta do Estado.

No início da nossa estadia em Bolama, a casa que habitávamos tinha um alçapão para o forro do telhado, pelo qual passavam pequenos morcegos. Um dia, estava deitado, vem minha mulher toda contente dizendo “que lindo as andorinhas chegaram”: quando lhe dei a informação, cada vez que ia à casa de banho olhava sempre para cima, até se habituar. Outra característica do lugar: nos momentos de calor ligavam-se as ventoínhas mas, para poupar energia, das 12 às 15 os serviços municipais desligavam os geradores. Então, imperou a inventiva: arranjei uma placa de aparite com 120x60cm e 6/7mm de espessura, dois furos de um dos lados mais compridos e um do lado esquerdo em baixo, atei duas cordas com folga a uma das travessas e, no furo de baixo, uma outra mais comprida e ligada ao meu pé direito, que ia abanando enquanto lia, *refrescando* o ar qual rajá!

1964 – Setembro

Quero referir que no quartel de Bolama, fui encontrar: o major Coutinho, que no RI15-Tomar (quando capitão) me *voluntariou* para o CMEFED-Mafra (onde frequentei a 1^ª parte do 1^º Curso de Instrutores de Operações Especiais); e um outro major, do qual não recordo (infelizmente) o nome; ambos se tornaram meus amigos, bem como o comandante do agrupamento da zona sul [CmdAgr17] coronel de artilharia José Ventura Roldão, com quem amiúde conversava e, por vezes sentados num pequeno murete de nivelamento do campo de volei, junto das moradias dos sargentos casados, foi aí que ele me contou a *operação Bornal* a Cufar Nalu.



(da esquerda para a direita)

alferes miliciano Valentim

alferes miliciano Rui Gonçalves dos Santos

administrador concelhio Jorge Garcia de Carvalho (natural da Guiné)

comandante do CIM capitão de infantaria António Feliciano Mota da Câmara Soares Tavares

alferes miliciano [não recordo o nome]

alferes miliciano António Aníbal Maia de Carvalho Maldonado

Quanto ao comandante do CIM, o capitão Câmara era um homem austero, irritadiço e por vezes mesmo mau! Andava tudo de esquerda em linha desde o mais preto ao mais branco, desde o impedido ao alferes, mas engraçou comigo e tornou-se, para nós, muito afável, a esposa era uma compincha e os putos... diabos em figura de gente!

Aquele oficial punia normalmente os prevaricadores soldados negros, utilizando o seguinte método: iam para a cisterna (vazia) por debaixo do pórtico e ali ficavam a pão e água, por vezes 30 dias. Uma ocasião, estando eu de oficial-de-dia, decidi castigar um soldado, mandando-o ficar em cima do pórtico até de manhã, apenas com cuecas (pois eles têm muito frio à noite); mas assim procedi uma só vez, porque a indisciplina foi demasiada. Passo a explicar: cerca da meia-noite, momento da rendição de postos, tudo correu bem com 9 sentinelas e cheguei ao 10º, postado no cimo da torre de um depósito-de-água desactivado, onde ia entrar de serviço um bom soldado, marceneiro, que chegou ao alto da escada mas conseguiu levantar o alçapão pois o outro, um negrão com 1,95 e voz de canhão sem recuo, dormia a sono solto em cima do alçapão; eu, o sargento e outros soldados a chamar cá de baixo, até que o marceneiro conseguiu entrar por fora do anteparo da plataforma mas, não havendo meio do rendido começar a descer, a minha Beretta salta e dispara para o meio do local, eis que aparece o marceneiro todo inclinado no varandim, a pedir-me “por amor de Deus meu alferes!”.

É claro que Deus lhe fez a vontade, o outro (que tinha o mesmo número do que entrou, só de anos diferentes), começou a descer as escadas e, assim os pés tocaram o chão, levou com a pistola na cara e o punho esquerdo do outro lado para equilibrar; e depois foi para o cimo do pórtico.

Decorridos dois dias, entrou no quintal de minha casa e dirigiu-se a minha mulher muito delicadamente, pedindo para me falar: então, qual putito de escola acabrunhado, pediu muita desculpa. Quando dali saíamos os dois, já lá vinham o alferes Teixeira e o sargento Esturrica Lopes, ver se era preciso alguma coisa!



No fim da instrução fomos em *endurecimento* para a Ilha das Cobras, juro que, graças a Deus, nenhum desses seres rastejantes passou por mim e, se passou, não o vi! O acampamento dos ciganos ficou debaixo de frondosas árvores e nós em instalações de *alvenaria* com buraco aqui e buraco ali (era mais fresco).



Nas minhas idas ao campo com os recrutas, quando estava com sede seguia os passos dos nativos, beber água da bolanha directamente sem passar pela “casa da partida”, ou seja pelo filtro: era só afastar as sanguessugas pequenitas e vermelhas como fios de 1-2cms, e beber água da côr e sabor da terra. Mas por vezes, e como tinha boa pontaria, dava um tiro de Mauser no pezito de um coco que caía e “eles” davam duas catanadas e bebíamos aquela água maravilhosa.

dom, 06Set64 – Deixou de tomar parte na Escola de Recrutas da 3ª Incorporação, como instrutor, tendo obtido bom aproveitamento

Num indeterminado dia, um chefe de aldeia veio pedir auxílio ao comandante do CIM porque uma onça andava a matar-lhe o gado. E assim fomos no jipe, noite cerrada, vidro da frente para baixo, farolim e lá fomos cantando e rindo (ah não, isto é outra história) até ao extremo oeste da ilha, farolina práqui farolina práli e eis que aparece o bicho, um gatão, o capitão Câmara aponta e *pum!*, não vi se acertou mas o bicho foi-se acoitar numa moita aí a 30mts do jipe, o capitão manda o condutor acelerar mas... para se pirar. Quem diria: um homem tão duro, com uma espingarda na mão e medo de um gato? Ainda hoje estou para perceber, mas não consigo.

Todos os domingos nos juntávamos e um deles, o capitão Câmara convidou-me para ir à caça de patos-do-canadá (pato-ferrão). Ele tinha uma bela caçadeira e eu levava uma bela *Mauser-1904*... Aí fomos de jipe com as *patroas* e o impedido dele, rumo a bolanhas do oeste da ilha. Ao longe, no meio de uma bolanha e de ouriques, viu um bando com cerca de 10 aves e disse ao impedido para me acompanhar: como convidado tinha direito ao primeiro tiro e assim foi, agarrei na *Mauser* e fui atrás do preto, como ele rastejando até cerca de 100mts das *vítimas*; pensava eu um tiro difícil mas ele fez sinal que tinha de ser ali, pois os bichos já manifestavam desejo de alcançar os céus pelos seus próprios meios e de livre vontade; então coloquei o cotovelo num monte de terra, apontei, fixei um e *pum!*, o moço sai disparado qual cão de fila e trouxe um excelente exemplar daquela raça voadora. Depois de limpo tinha 9kg que se não notaram ao jantar, de tão *pequeno* parecia confeccionado pela mulher do comandante, excelente cozinheira.

No Natal de 1964, preparámos prendas para os miúdos e passámos a noite com os Câmara.

1965 –

Quando o capitão Passos veio da 4ªCCacl-Bedanda transferido para o CIM-Bolama, a família Câmara Tavares foi transferida para Bedanda (onde meses depois concluiu a comissão de serviço, regressou à Metrópole e dali mais tarde em comissão para Timor; posteriormente o capitão Câmara foi colocado em Évora, onde fomos visitas deles e eles nossas).



(em pé, da esqª p/dirª)

administrador concelhio Jorge Garcia de Carvalho

coronel de artilharia José Ventura Roldão (comandante do CmdAgr17)

major de infantaria Níveo José Ramos Herdade (chefe EM do CmdAgr17)

capitão de infantaria João José Louro Rodrigues de Passos
(novo comandante do CIM)

(em baixo)

alferes miliciano António Aníbal Maia de Carvalho Maldonado

alferes miliciano Rui Gonçalves dos Santos

alferes miliciano Valentim

alferes miliciano Trindade

De vez em quando o aeródromo de Bolama tinha de ser capinado, até que coube a tarefa ao meu pelotão: aí vão o *alfero*, sargentos, cabos e demais matula; durante o trabalho, o sargento Ferreira, homem de forte estatura, aviou a catana na perna direita abaixo do joelho, um golpe muito feio quase até ao tornozelo, enfermaria com ele, não havia meio de parar a infecção e estivemos para o evacuar para o HM de Bissau pois havia largas possibilidades de gangrena, mas graças a Deus o homem recuperou.

Comecei o parágrafo anterior ao anterior, com uma ideia e veio outra.

Bom, a respeito do amigo coronel Roldão, quem esteve em Bolama deve recordar-se que, ladeando a entrada para a sala do soldado, estavam dois canhões *Krupp*, cujas engrenagens ainda funcionavam e tinham aquela cadeirinha para o manobrador, onde por vezes alguém se sentava. Naquele dia estava eu e, quando o nosso coronel ia a sair a porta do jardim da sede do agrupamento, manivelei para baixo e para a direita e apontei o canhão ao *invasor*, que de imediato levantou os braços e se *rendeu* com uma risada. Não me lembro, mas possivelmente fomos beber um copo a seguir à *detenção*.

No CIM-Bolama, tive sucessivos e/ou simultâneos encargos: comandante do 1º pelotão de instrução [29Jul-06Set64 e 08Mar-26Jun65]; oficial do material-de-guerra [25Out64-06Mai65]; oficial de tiro [12Fev-03Ago65]; oficial de rancho [06Mai-03Ago65]; oficial responsável pela messe e também pela sala do soldado (graças a Deus havia pessoal de limpeza, pois se não houvera... também me davam uma vassoura para enf...); e ainda oficial responsável pela cantina (antes de mim outros o foram durante dois anos e a exploraram até aos ossos, e eu em poucos meses deixei o dobro do que me deixaram).

Na cantina, era um gozo trabalhar com o soldado *Jagudi* (não sei porquê a alcunha, era branco nascido na Guiné, quando ali cheguei já a tinha); tenho a impressão de que nunca o tratei pelo nome... Quando era preciso ir a Bissau contactar fornecedores, era nele que confiava: uma vez trouxe umas 400 caixas de meias altas amarelas e concordámos vendê-las a 7,5 pesos (cerca de 10% superior ao custo e o dinheiro ia directo para o *saco azul* da Cª. Instr); fiquei espantado quando o vejo de noite, a fazer dois montes com cerca de 200 caixas cada. Perguntei “*Jagudi*, para que é isso?”; e ele a rir que nem um macaco “o meu *alferes* amanhã vai ver!”. Quando a cantina abriu à hora do almoço, eis que recrutas, soldados prontos e cabos (brancos e pretos) e se calhar algum oficial ou sargento, entraram e quase todos queriam meias – “um par... dois pares” –, e então ouvia-se a voz do *Jagudi*, apontando para cada monte de caixas: “Queres destas a 7,5 (apontando o 1º monte), ou queres destas a 12,5 (as do 2º monte)”; é claro que todos queriam do *melhor*... Certo é que a 12,5 se vendeu todo o stock de meias e quem riu no fim foi o capitão (pois o *saco azul* ia aumentando).



Além disso, ainda fazia oficial-de-dia e, uma vez por 11 dias, acumulei como comandante de Companhia. É óbvio que em todos esses departamentos tinha pessoal competente, nos quais confiava; e na secretaria o 1º sargento Lopes Pereira, homem vivido e sabido em todos os meandros de contas, e não só, da Companhia (falámos muito sobre isso, em especial naqueles 11 dias).

6ª, 12Fev65 – Passou a desempenhar as funções de Oficial de Tiro desta Unidade.

Os meus sargentos eram o Esturrica Lopes, o Ferreira e o Serra: quanto a este malandro, tinha estado comigo em Bedanda e ali um dia me apareceu com barba feita... na cabeça e barba negra crescida na cara, dizendo-lhe eu “por mim tudo bem veja lá o chefe!”; estes e mais três cabos *black&white*, foram os meus auxiliares, pois se não fossem eles não poderia eu acumular uma das funções principais, oficial de tiro.

Tínhamos, digamos, três carreiras de tiro; uma perto do quartel, de 30 metros para 20 alvos; e a cerca de 5km, duas que se cruzavam em quase y (a mais comprida com cerca de 200mts e a outra ponta com cerca de 100mts), sendo nestas que dava instrução de G-3, *Mauser* e *Madsen*, e do lançamento de granadas-de-mão, por vezes também de morteiro e *bazooka*, armas estas a alguns mais evoluídos, pois a massa cinzenta era escassa em muitos, refiro a *cinzenta* porque quanto à muscular era *catrapila* (como dizia um sargento): ia tudo na frente, bastava dizer o que queria e para onde; mesmo que houvesse *parede* pelo meio, era logo obedecido e objectivo cumprido.

De entre ocorrências na carreira-de-tiro, recordo duas um pouco melindrosas: junto ao espaldão da carreira-de-tiro dos 100mts, estava a instruir lançamento de granadas-de-mão ofensivas “granada na mão, tira a cavilha mas não larga a alavanca, vira-se de lado abre o braço para fora e lança a granada por cima da cabeça e do espaldão”, todos ou quase todos assim procederam, mas um (em quem tinha confiança) lançou a granada contra o espaldão e jogou-se para dentro da vala anterior ao espaldão, estávamos no carreiro mesmo junto à barreira, eu em pé de costas para a ocorrência, dei dois ou três passos para a direita com as mãos a tapar a nuca, a granada a descer calmamente o declive e *pum!*, senti um grande ardor na parte de trás da coxa direita e o sangue vermelho (desilusão, pensei que fosse azul...) escorrendo até ao calcanhar, os sargentos acorreram: é claro que o azelha ficou *marcado* durante algum tempo, o mesmo não sucedendo com o impacto, na minha coxa, de algum chumbo existente na terra do espaldão...

Num outro dia, mesmo local, o alferes Trindade veio ter comigo e disse-me que quando lançaram uma granada ela não tinha explodido: fui ao local do *crime*, lá estava ela sem alavanca mas deitadinha muda e queda, poderia ter-lhe dado um tiro mas não me apeteceu, agarrei noutra granada tirei-lhe a cavilha e aproximei-me da dorminhoca, muito perto larguei-a sem alavanca (pareciam um casal a dormir) e, como sucede a muitos casais... explodiram; e eu, apenas a cerca de 4/5mts da deflagração (Santa Inconsciência uma vez mais me valeu), de costas, de pé e mãos na nuca... O intento de proteger a nuca, é que tem um naco de carne a proteger o pouco que a cabeça lá tem dentro.

Tinha verificado que andava uma gazela perto do quartel na direcção da carreira de tiro. Quando fomos para uma sessão de instrução resolvi dizer aos sargentos que levassem o pelotão em forma de batida junto do tarrafo e em direcção à carreira de tiro, eu fui no jipe e coloquei-me numa parte alta defronte a uma zona limpa por onde passaria a gazela, Mauser na mão, cinco balas e aí vou para junto de uma árvore (tipo alfarrobeira que dava uns frutos do mesmo feitio mas maiores e que os macacos muito apreciam), aproximei-me por um carreiro e vejo, a cerca de 15 /20mts as cascas daqueles frutos a mexer, era uma cobra preta aí com uns 2, 5 a 3 metros, apontei á cabeça, o tiro saiu baixo, ela ganhou velocidade e enfiou-se num bagabaga desabitado e cheio de buracos, onde esta *inteligência* foi espreitar onde estaria o bicho: se ela saltasse, então é que eu ficaria a ver bem... uma cobra, viva, na Guiné.

Com respeito à gazela, fiquei com quatro balas, e vejo-a a cerca de 100mts mesmo à minha frente, *pum!*, ao lado, uma corrida para uns arbustos e *pum!*, ao lado, então vem direita a mim outra vez e *pum!*, ao lado, até que passa a 5mts de mim, *pum!* e falhei *again*: conclusão, era um *robot* em aço, que nunca mais vi.

Como disse, atirava bem (só aquela gazela é que me ficou atravessada na garganta) e estava muito habituado à *Mauser 1904*, um dia na carreira de tiro, aquela perto do quartel, andava uma ave necrófaga, à qual chamávamos *Jagudi*, eram várias e era proibido matá-las, mas... apontei a uma, rodopiei a arma ao movimento da bicha e *pum*, *jagudi* no chão, aqui ninguém se mexeu para ir apanhar, mas na outra carreira de tiro andava uma águia branca e preta à qual eles apelidavam de “águia do chabéu”, a voltear muito alta, segui os movimentos calmamente e *pum* aí vem a águia, tenho a impressão que ainda não tinha chegado ao chão já estava a ser depenada e a fazerem uma fogueira para a assarem porque era muito bom, “tá bem, comam!”.

Lembrei-me do motivo da discussão por causa dos filhotes de onça abatidos.



Algumas tabancas queixaram-se a mim, que as galinhas andavam a ser mortas por onças e crias, que atacavam durante a noite e eles nada podiam fazer. Tomei por minha mão a defesa das galinhas e depois da formatura do recolher, eu, o Esturrica, o cabo Vera Cruz e mais dois ou três, cerca das 21h00 aí fomos picada fora a caminho do oeste... e o primeiro bicho foi abatido ao 1º tiro, estaria aí a 60mts da picada, o segundo e o terceiro não me lembro, mas o quarto, o maior, estávamos já de regresso na picada em direcção a Bolama, quando o Vera Cruz, que estava farolizando gritou “ali ali!”, ao lado esquerdo da picada uns olhos a brilhar, sem sair do *Unimog* atirei, mas foi uma grande restolhada que se viu, saí da viatura com o farol de testa e vou direito ao bicho que estaria aí a 50mts, voltou a fixar os olhos na luz e atirei novamente, mais restolhada e mais aproximação, nova fixação, novo tiro *Mauser 1904* e mais confusão quando estava mais perto verifiquei o porquê, só lhe atingira as patas dianteiras e, quando cheguei mesmo junto, atirou-se a mim e aí dei outro tiro que foi fulminante, mas... agarrei no rabo do bicho para o levar, e quando levantei a cabeça, a lanterna de testa encontrou dois olhos pareciam faróis, a cerca de 6/7 metros, susto! vislumbrando o tamanho do bicho, e só tendo uma bala na câmara e não querendo arriscar meter outro pente, gritei pelo Esturrica, que veio de imediato ter comigo, disse-lhe o que se passava, aproveitei e meti um pente de 5 balas, vamos embora costas com costas e com o “morto” de rastos, e *Unimog* direitos a Bolama sem parar.

Como antes referi, além do major Coutinho (meu conhecido do RI15), estava em Bolama um outro major¹: indivíduo bastante sociável e que percorria as povoações dando ensinamentos sobre agricultura, aproveitamento dos produtos da terra, dos animais domésticos e de géneros (manteiga, queijos), igualmente da curtimenta de peles, relativamente à qual me pediu ajuda e cuja responsabilidade endossei a meu irmão mais velho, tendo este (porque em tal negócio há muitos processos que envolvem produtos químicos inexistentes no mato), indicado a técnica mais rudimentar, a qual transmiti àquele major que ficou muito grato.

¹ (CEM do CmdAgr17, major de infantaria Nível José Ramos Herdade: em Mar61 capitão, ajudante-de-campo do ministro do Ultramar; e em Jul74 tenente-coronel, estará colocado em Dili)

Mais tarde apareceu-me naquele mesmo CIM o meu cliente e amigo (então alferes miliciano) Alfredo da Silva Dias Teixeira que, juntamente com o alferes miliciano de infantaria António Aníbal Maia de Carvalho Maldonado², veio a ser padrinho do registo de minha filha (nascida em 18Fev65, em chão papel de Bissau).

² (viria a morrer em 04Mar66 em Porto Gole, durante flagelação IN ao destacamento da 1ªCCacl que comandava)

1965 – Fevereiro

Semanas antes de minha filha nascer, a conselho do dr. Guilherme Peixe, tive de levar a parturiente minha jovem mulher para Bissau, mas não deveria ir de avião. Assim fomos no *Bor*, tipo *ferry-boat* parecido com os *Setubal-Tróia* na foz do Sado mas em 3ª mão (devem ter ido buscá-lo à sucata). Então lá fomos atestados de nativos e nós dois sentados em sacas ou coisa parecida, noite cerrada e de tempestade, estala uma trovoadas, relâmpagos por tudo quanto era sítio e às tantas, rodeados por bancos de areia e a meio de um dos canais que desembocam no grande estuário do Geba, o motor... parou! Pensei “lá vamos nós em jangada podre para o mar-alto” e dirigi-me ao piloto do transporte, estavam ele e mecânicos aflitos, o que ainda mais me fez pensar que era desta pois nem rádio havia! Por milagre (só pode!), o motor repegou e lá fomos. No cais aguardavam-nos o meu amigo capitão João Nogueira e esposa Zairita, dali fomos para o quarto nº3 do hotel. Pouco depois, de Bolama uma mensagem do *comandante* capitão Passos a mandar-me de regresso ao CIM, pois era “um abuso...!”. No dia seguinte regresssei numa DO particular a Bolama, enquanto no hotel minha mulher ficou acompanhada pela Zairita, que menos de 24 decorridas me telefonou porque minha mulher, em adiantado estado de gravidez, estava com um ataque de paludismo e teria de ir para o hospital. Pedi “por tudo” àquele *comandante* que me deixasse ir a Bissau, tanto mais que, devido ao estado do tempo, a instrução estava a ser feita nos pavilhões e nem para a carreira-de-tiro se podia ir: não me deixou. Logo a seguir, o alferes Teixeira desceu a meu lado as escadas da secretaria e disse-me: “Já telefonei ao teu amigo Fiúza, vou levar-te ao campo de aviação e deixa cá o *animal* comigo!”. E lá fui de volta ao hotel em Bissau, onde estava minha mulher acompanhada pela Zairita e pelo dr. Kirio Andrade, que lhe receitou habituais antipalúdicos mas avisando do risco de parto antecipado, o que de facto sucedeu: a nossa filha nasceu a 18 de Fevereiro; (deveria ter nascido em 4 ou 5 de Março). Quando regressámos com o *reberto* a Bolama, o capitão João Nogueira e sua mulher foram connosco, levando também outro oficial e a esposa respectiva, porque queriam ir para ali uns dias de férias; e foi o João Nogueira a primeira pessoa que deu banho à pitorrinha.

Quando o João Nogueira e a Zairita estavam de férias em Bolama, aquele capitão teve de se deslocar a Bissau para tratar de assunto lá da guerra dele, mas quando voltou ao fim da tarde... não voltou: a avioneta caiu numa daquelas pequenas penínsulas entre Bissau e Bolama. Naquela noite nada se pôde fazer, só telefonemas de um lado para outro, rádios, mensagens e nada de João, nem de piloto, nem dos outros dois passageiros. Na manhã seguinte lá andaram helicópteros e T-6 a sobrevoar todas aquelas matas, fuzileiros batendo as margens e pelo rádio... nada, até que ao início da tarde alguém vislumbrou a ponta de uma asa da aeronave, a seguir avistaram os perdidos e muitos nativos a acenar. Os helicópteros lá conseguiram local para pousar e quando chegaram a Bolama, o pânico inicial deu lugar ao alívio: apenas ligeiramente feridos, pois os nativos de uma aldeia próxima nunca se mostraram hostis e, porque os acidentados não queriam sair de perto da avioneta, levaram-lhes água, comida e providenciaram os primeiros socorros.



Em 1965 fui encontrar em Bolama algumas plantações de arroz e mancarra (amendoim) – e até uma de ananás minúsculo mas algo doce –, as mangas eram do *outro mundo*, nada comparáveis ao que por aqui existe nos mercados, e as castanhas de caju abertas em cima da chapa de bidon sobre fogueira, onde também se colocavam ostras do tarrafo (que nos traziam às sacas) e, acompanhadas a molho de piri-piri e limão, regadas com aquele líquido, que me fez crescer a barriga... chamado cerveja.

Na messe da Marinha, com dois oficiais da Marinha e três oficiais do CIM, durante uma tarde emborcámos oito sacas de ostras! É claro que nas sacas também estavam paus do tarrafo, mas poucos, e as nossas mulheres diziam “que grandes brutos!”. O comandante do destacamento dos fuzileiros em Bolama, era o Pacheco Pereira (que o furriel ‘comando’ Vassalo Miranda mencionou nos seus relatos sobre a Operação Tridente). Foi com aquele comandante do DFE, mais um oficial fuzo e três oficiais do CIM, que comemos aquelas oito sacas de ostras.

2ºf. 08Mar65 – Toma parte na Escola de Recrutadas da 1ª Incorporação de 1965, como instrutor.

1965 – Março

Durante a instrução, entre a GAM [Ginástica de Aplicação Militar, conhecida por *ginástica-até-à-morte*], LCC [luta corpo-a-corpo], Corrida, TE [teste de estrada], GE [Ginástica Educativa] e outras, tínhamos o desporto, o Teixeira tinha feito atletismo, e acho que foi o 1º português a baixar dos 50” nos 400mts barreiras, portanto embora eu fosse “gordo”, como ele dizia e não só ele mas é facto que ainda cá estavam dentro “os genes” do CIOP e eu também corria bem, não como ele, claro, mas numa das provas desportivas, o futebol entre pelotões, ele ia a correr com a bola e eu atrás dele para o desarmar, ele vira-se e diz, com cara entre gozo e admiração, “ainda aqui estás?!”

Inventámos um jogo, se assim se pode chamar, como não havia bolas de rugby, era com aquelas bolas pesadas da ginástica, e não havia postes, só ensaios, os jogadores, em vez de 15 eram 25/30, a ver quem deitava mais sangue, ali não havia raças os fulas, balantas, mandingas, papéis, manjacos, caboverdeanos, etc. deram lugar a camaradas de armas e adversários leais, denominámos esse jogo de *Brutobol*. Havia torneios entre pelotões, de volei, futebol, andebol, sempre contando comigo e com o Teixeira, chegámos a defrontar equipas de Companhia de Intervenção, e aqui vem “o gordo”, jogava no liceu todos esses jogos e jogava razoavelmente todos eles, e claro num desses confrontos em andebol eu marquei 11 golos, e o guarda-redes cada vez que me via pela frente gritava para os colegas “Olha o gordo, olha o gordo”. Como dizia o Obelix – “Qual gordo?” olhando para trás.



Rui Gonçalves dos Santos © 25Jan2010

1965 – Abril (?)

Relembrando os soldados meus amigos, vou relatar uma ocorrência em Bolama.

Tal como em Bedanda, gostava que os meus soldados andassem sempre bem vestidos e limpos, em especial quando saíam do quartel. Num sábado, dia de saída e de inspecção às casernas, estava eu de oficial-de-dia e aí vou, percorrendo todas as casernas até chegar à do meu pelotão composto por 110 recrutas (sabia o nome de todos). Quando entro, a maior parte estava aprumada mas faltavam-me sete: saí para saber onde estavam; a irritação a aumentar, logo na escada encontro quatro que vinham do balneário já prontos; mais abaixo outros dois, nas mesmas circunstâncias; faltava um... Vou mais abaixo até ao sentinela, que estava no último posto antes do rio junto de uma árvore, e perguntei-lhe se tinha visto o recruta mas, assim o vi atrás da árvore, agarrei na *Mauser* do sentinela – (ainda bem que não tinha baioneta, pois dei um bote tremendo com o cano no estômago do rapaz) – e agarrando a arma pelo fuste, dei-lhe com ela no ombro direito e... parti a *Mauser* pelo fuste! O rapaz foi para a enfermaria.

Fiz uma prelecção qualquer, assisti à formatura para o rancho e fui almoçar a casa (minha mulher e filha estavam em Bolama); quando estávamos quase a almoçar, apareceu o cabo enfermeiro (branco) a dizer “meu alferes temos problemas na enfermaria”. Nem mais nem ontem, saio à frente dele e vou por aí abaixo rumo à enfermaria mas, antes de chegar, está a maior parte dos meus recrutas, muito bem fardados e em fila encostados à parede de uma das casernas, com os olhos muito abertos e ar de quem queria comer vivo o Rui Santos. Como já referi nalgum sítio, usava sempre no lado direito uma *Beretta 7.65* (minha), com o cano enfiado no cinto e coronha para cima: parei, olhei para eles e, puxando da pistola, apontei e disse com grande rancor e em voz bastante alta: “Tudo daqui para fora e já, se não ficam com outro olho na testa para me verem melhor!”. É claro que todos abalaram a fugir (sabiam que eu tinha uma *telha* a menos), e fui com o cabo, e o emplastro do puto Pedro atrás, na minha missão.

Afinal a gravidade do caso: fui falar com o doente e o medo dele é que tinha servido nas milícias, fôra sido ferido no abdómen e a cicatriz da operação recente, no HM de Bissau mas já curada, acabava no local onde lhe encostei com violência o cano da arma, e estava com medo que tivesse rebentado por dentro; mas o sargento, o médico (dr. Guilherme Peixe actualmente quase octogenário, meu amigo e que vive perto de mim), e o cabo tranquilizaram-no; e, embora dorido no ombro e barriga e com o psique em baixo, lá saiu comigo e subimos à sala do soldado beber um copo, quero dizer uma *bejeca*, onde se juntaram os meus assassinos que agora já riam com o caricato do terceiro olho... Portanto, amigos como dantes.

1965 – Maio

Entretanto, este *alfero* narrador soube que eram destinados 27 pesos diários para alimentação de cada soldado mas, como oficial de rancho, sabia que só gastava cerca de 11 a 13 pesos: e o resto? Então, aliando o que foi a anterior má gerência da cantina, (que acumulou sumos V5 e muita cerveja, além de duas malas de porão cheias de tabaco *LM*, *Camel* e marcas açoreanas pouco conhecidas que não se vendiam e estava tudo picado de humidade), e com a vontade de desfazer aquele desencontro 27 do subsídio e 13 do gasto efectivo, comecei a dar V5 aos islamizados (que não bebiam vinho) e aos outros uma cervejola, pelo menos duas vezes por semana até anular os stocks. Embora não entrasse dinheiro, fui facturando à CI para compensar o valor diferencial existente, bem como diminuí o tempo de desfasamento entre refeições de carne, que passaram a duas por semana, e o peixe distribuído passou a mais quantidade e qualidade: o *chefe* Passos, desde há meses colocado em Bolama (vindo de Bedanda), é que não gostou muito, mas...

Com respeito ao tabaco, comecei a fiar o tabaco até o pré chegar, e assim, com a relação dos devedores, o *Jagudi* no dia do pagamento lá estava à porta da secretaria, a cobrar o tabaco...

Uma vez, ao encerrar as contas do mês, sobraram-me 6.480 pesos: revi e tornei a rever o registo das facturas, pagamentos, vales e dinheiro em caixa, e não encontrei nenhuma discrepância; pedi ajuda ao alferes Teixeira, ele conferiu como eu, e nada; aconselhou-me a guardar o dinheiro (6.480 pesos) num envelope e deixando correr o tempo que logo apareceria a diferença; mas como sou muito teimoso, continuei na pesquisa e resolvi esquadrinhar um-a-um todos os documentos. O *Jagudi* tinha ido a Bissau e pensou que alguém se tivesse enganado no troco e ajudou-me: ao passar documento um-a-um e ao analisarmos uma factura de fósforos, disse-lhe “eh pá 7.200 pesos de fósforos?!”; ele deu um salto e disse que não podia ser (e não era), o fornecedor com letras grandes escrevera 720 pesos, só que o nr.7 ficou na casa dos milhares, o nr.2 nas centenas e o nr.0 ocupava as outras casas, quando se olhava a factura apareciam os 7.200. Encontrada a diferença, deu origem ao consumo de quatro *Sagres* e uns amendoinzitos.

Foi assim que recebi a cantina com cerca de 280 mil pesos e em seis meses, quando a entreguei ao próximo, tinha cerca de 600 mil pesos em vales da C^a, dinheiro e géneros: aumentei o valor em mais de 100% (tenho documentos comigo que o comprovam); e nos dois anos anteriores...? Contas de outro rosário...

Outro episódio em Bolama, que tem a ver com o rancho. Um dia, estando de oficial-de-dia e, como disse, também como oficial-de-rancho, aparece-me muito preocupado o cabo responsável pelo refeitório e cozinhas, com o tabuleiro para provar o rancho (era dia de carne de vaca, uma vez por semana...):



“Meu alferes, uma grande chatice, como sabe hoje temos carne guisada com massa, mas o vento começou a soprar de outro lado e o fumo da lenha entrou para as panelas e o guisado sabe muito a fumo, que faço agora, as companhias estão formadas para o rancho?”. Fiquei eu preocupado mas tranquilizei-o, dizendo: “Olha, não leves a provar ao sr. capitão, faz de conta que o não viste, vou eu tratar do assunto”.

Assim, fui para o meio da parada onde estavam cerca de 450 recrutas nativos, 150 soldados nativos e ainda uma Companhia de Intervenção com outros 150 soldados... Pensei com os meus botões “bela recepção me vão fazer, seja o que Deus quiser”... E disse: “ Meus amigos, sucedeu um acidente na cozinha, o guisado de carne com massa tem um sabor a fumo de lenha, querem que faça outra comida, conservas com batatas ou outra coisa?”. Fiquei na expectativa e a resposta foi unânime: “Meu alferes, comemos o guisado”. Mais tarde, depois da refeição, um cabo daquela CI disse-me “olhe meu alferes, todos aceitámos porque a palavra veio de si, porque se fosse de qualquer outro oficial a solução também teria de ser outra... “.

1965 – 16 de Maio

Nestas fotos, temos um dia do Juramento de Bandeira. Estávamos à espera da chegada do Brigadeiro Comandante do CTIG: na 1ª foto, o alferes Valentim à esquerda, o (narrador) alferes Rui Santos, um sargento do pelotão do Maldonado, o alferes Maldonado e os pelotões em formatura para Juramento de Bandeira; e na 2ª foto, a parada principal e (penso ser) uma Companhia de Intervenção, porque só vejo pernas brancas...



1965 – 26 de Maio

Até que chegou o dia das minhas meninas virem embora, em especial porque os intestinos da pequenita não funcionavam. Num dos contactos com a família em Lisboa, pedi que me enviassem “Rectioles infantis” (actual Microlax): como de cá não percebessem à primeira, ouviu-se uma voz grossa de homem, repetindo o que eu pedira; prova de que as chamadas telefónicas eram filtradas...

O dia da despedida, foi dos mais tristes que vivi na Guiné.





< Bolama >



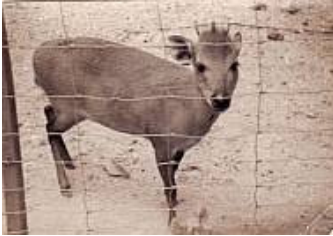
^

Bissalanca

^

1965 - final de Maio

Semana de endurecimento dos pelotões de instrução e aí vão cerca de 500 malucos a caminho da Ilha das Cobras, mais ou menos 14km de Bolama para norte. No dia de descanso pergunto a recrutas, soldados e outros (sargentos e alferes) “quem quer vir caçar comigo amanhã?”, todos se acobardaram e apenas um recruta do meu pelotão se levantou e disse que ia. Tratei de cortar com um alicate a ponta de algumas balas da Mauser que ia levar, nesse dia preferi levar a 19-39 e nada de armas automáticas, o IN andava por ali na vida dele e eu ia à caça! E lá fomos a seguir ao pequeno almoço, arranjámos umas sandochas e umas granadas Sagres calibre 0.6dl, que ele transportou. Caminhámos pelo mato fora e cruzámos a norte directos ao canal, caranguejos de tarrafo, parecia que o chão mexia à nossa frente, aí uns 5km andados ele faz-me sinal e ficámos de cócoras junto ao extremo da mata, ele leva as mãos à boca e ao nariz e começa “meeu-meeeeeu meeeuu” e por aí durante uns minutos, os caranguejos em seus buracos e olhos de fora, pensando na sanidade mental daqueles humanos... andámos mais um pouco mas agora para dentro da mata, lianas com picos pareciam unhas de leão ou onça sei lá, rasgavam roupa, carne e a paciência, 2km na mata e ele apontou para o chão, pegadas de onça grande nas quais meti o punho e fiquei admirado pois era a *minha medida*, a seguir... pegadas de gazela, eram duas... sentamo-nos na lama e recomeça ele “meeeuu” etc, de repente vejo vários movimentos no meio da mata, olho em frente e vejo uma cabra-de-mato, aponto... e... falhei... recuámos uns 30mts e as pegadas das gazelas – que já vinham àquela distância – eram de *travagem*. Ele mandou-me calar e sentar, tudo por gestos, e lá se pôs “meeeuu” etc, e eu que estava semideitado sobre o lado direito, virei-me ligeiramente e estava uma cabra-de-mato aí a 4mts de mim, fugiu quando me mexi, o recruta-guia também viu e fez-me sinal para ficar quieto e ele “meu-meu” e a cabra voltou mas desta vez ficou: era um bom bicho, ele arrancou uma folha a uma palmeira, entrelaçou os ramos e fez uma espécie de saco, onde enfiou o bicho já desventrado e transportou-o às costas, saímos da mata passámos a zona de tarrafo e fomos pela margem até ao aquartelamento: o jantar, foi cabrito assado; os comensais, oficiais, sargentos, cabos e o recruta-guia. Contámos a nossa aventura e perguntei o porquê daquele som: ele disse “meu alferes, aquele é o som de uma cabra de mato ferida e vêem os machos para ajudar, as outras fêmeas e as gazelas para coscuvilhar, as onças e as cobras para comer...”; e então respondi “nunca mas vou à caça contigo!”. É claro que iria.



A cabra-de-mato era o nome que se usava, mas nas minhas pesquisas concluí que o animal seria um pequeno antílope *duiker azul*.

Será?! Não sei, porque as ilustrações que analisei deixaram-me ligeiras dúvidas.

Estas ocorrências sucederam cerca de três dias após as minhas *miúdas*, mulher e filha, terem vindo para Portugal; e eu também estava por tudo e com os nervos em franja. Nessa noite senti-me terrivelmente deprimido e disse ao alferes Teixeira “eh pá vou a Bolama!”. “Eh pá como é que vais?”, perguntou ele... “Vou a pé!” e chamei o recruta que foi caçar comigo, pareceu-me que tinha boas capacidades de soldado e dei-lhe uma G-3 e agarrei noutra, no meu *dolman* das granadas (já referi que mesmo em Bedanda aquele casaco camuflado estava sempre equipado com 8 granadas-de-mão ofensivas, 4 defensivas e 2 incendiárias), e sempre 6 carregadores de G-3 à cintura, lanterna na testa e aí vamos nós enfrentar 14km de mata em noite cerrada, só para tomar dois comprimidos de *tranquil-le-petit* que era o tranquilizante da época! Hoje vejo a imbecilidade que fiz, sabia que era zona da travessia de *turistas* armados em trânsito para o sul da ilha, sabia que as onças andavam por ali, as cobras terríveis (aliás estávamos na Ilha das Cobras) mas a depressão suplantou esses *medos*. Eram cerca das 23:30 quando cheguei ao portão do quartel de Bolama, pedi ao sentinela para chamar o cabo-da-guarda que me abriu o portão, fui directo ao quarto do sargento enfermeiro que dormia na enfermaria e emborquei as pílulas milagrosas, fui para a cama e de manhã, já *municipado* com uma caixa de pílulas, lá vou de jipe com um condutor e o meu guia para o *mato*. Quando cheguei ainda estavam na formatura para o pequeno-almoço e o Teixeira, com ar de sacripanta e sorriso nos lábios, abanando a cabeça. No fundo também tive sorte com as marés pois a ilha só o era na vazante, apenas ocorrendo a separação na maré-cheia.

3^{ef}, 01Jun65 – Deixou de receber alimentação a dinheiro e subsídio de renda de casa.

A última casa que habitámos, tinha sido residência do dr. Bragança, médico, homem para os seus 45 anos e não dado a brincadeiras. Dizia no dia em que se foi embora: “Quando chegar ao patamar superior da escada do avião tiro os sapatos, sacudo-os na escada e limpo o pó dos ombros porque, da Guiné nem terra nem pó”. Também, era natural de Bragança...

A opinião do Dr. Bragança não é a minha: tenho saudades da Guiné, das gentes, das matas, das bolanhas, do perigo, dos tarrafos; enfim, de tudo. Tanto mais que trouxe de lá a avó e a mãe de alguns dos meus netos!

6^{ef}, 04Jun65 – Marchou para Fulacunda pelas 08:00.



Desde o segundo ao penúltimo mês, sempre estive descontraído na guerra. Contudo, pouco após o início [Nov63] e quase no final [Jul65], foram os mais difíceis que passei na Guiné: ou por saudades ou outra razão qualquer, quase me causaram medo real de ficar com os ossos naquela terra. Em especial, precisamente dois meses antes de concluir o meu tempo de serviço militar na Guiné, fui destacado para Fulacunda com sargentos, cabos e o meu pelotão de instrução (110 alminhas levadas do diabo): enfiaram-nos numa LDM e aí fomos direitos a Fulacunda, pois a CArt565 tinha saído para o mato e nós, os nossos *guerreiros*, íamos substituí-la de 4 a 11 de Junho.

Mas, dado o ar de guerra e o tempo a acabar, deu-me para pensar – tanto mais que o *segredo* militar era tanto, que a telefonista do correio de Bissau, da qual só conhecia a voz, telefonou para ali a pedir para mandarem chamar o alferes Santos pois tinha uma chamada do continente (e esta hein?! como é que ela soube que eu estava em Fulacunda, *segredo* de guerra não é para divulgar...).

Como disse, gostava de deambular sozinho por fora dos quartéis. E um dia em Fulacunda, fui por ali acima quase até à sebe final de arame-farpado final, mas... a cerca de 5-6mts estaquei! Do lado da mata vinha na minha direcção, um *homem* ou *mulher* com quase dois metros de altura, parou quando me viu a cerca de 15-20mts de mim, vinha direito, a andar normalmente, erecto, com os braços longos e ao longo do corpo como um ser humano, apenas achei a cabeça um pouco mais pequena em proporção ao tamanho do *animal*. Assim que se apercebeu da minha presença, fez um ar de espanto e desatou a fugir para a mata, num passo muito largo, em pé mas não em fuga desordenada, apenas passo rápido! E com os braços ao longo do corpo, fugiu para a mata e eu para o quartel, fui logo ter com os meus sargentos a contar-lhes o que se passou, queriam ir para a mata. Mas a nossa missão tinha de ser mantida e não fomos. Era de certeza um *ardipithecus ramidus*. Apenas um velho da vila de Fulacunda disse que já o tinham visto, mas que era inofensivo.

3^{ef}, 03Ago65 – Deixou de desempenhar as funções de Oficial do Rancho; deixou também desde a mesma data, de desempenhar as funções de Oficial de Tiro. Marchou pelas 10:00 para Bissau, a fim de tratar de assuntos de serviço.

4^{ef}, 04Ago65 – Presente pelas 10:00, vindo de Bissau. Embarcou [nesta data] para a Metrópole, a fim de gozar 30 dias de licença nos termos do art.109º do RDM.

Na Guiné, muita vez aconcheguei os ossos de soldados, tintos ou brancos, com a sua própria pele...

5^{ef}, 26Ago65 – Defendo o requerimento [por despacho de SExa o brigadeiro Director do Serviço de Pessoal], em que pedia para passar à disponibilidade no DGA, após o gozo de licença.

4^{ef}, 08Set65 – Passou à disponibilidade, nos termos da nota nº.9980 Pº.184.1.1 de 10Set65 da 1ªRep/QG.

sáb, 02Out65 – Transitou da situação de licença, nos termos do dec-lei 42937 de 22Abr60, para a disponibilidade, tendo sido colocado neste Regimento [R11-Amadora], pelo que deixou de adir ao DGA na mesma data.

09Ago66 – Condecorado com a Medalha de Mérito Militar de 3ª Classe, nos termos do art.52º e §§ únicos dos art.28º e 29º do Regulamento da Medalha Militar de 28Mai46, por Portaria inserta na OE.17/2ªsérie de 1 do corrente.

01Dez69 – Promovido ao posto de Tenente Miliciano, por Portaria inserta na OE.3/2ªsérie de 02Fev70.

31Dez76 – Passou ao escalão das tropas licenciadas e ao DRM de Lisboa, por ter completado 35 anos de idade.

24Mai86 – Passou à reserva e ao QG/RML.

31Dez88 – Baixa de serviço, por ter completado as obrigações militares.

Como militar, de nada me arrependo.
Foi o passado.